

Conclusão

O estudo da *morfologia urbana da cidade do Funchal e dos seus espaços públicos estruturantes* é o resultado de uma análise atenta das variações da forma da cidade do Funchal e dos seus elementos morfológicos assim como dos fenómenos que lhe deram origem ao longo de cinco séculos.

A cartografia urbana constituiu uma das bases fundamentais para a sustentação do trabalho de investigação contribuindo, grosso modo, para o conhecimento e a compreensão da morfologia urbana desta cidade. Utilizaram-se ainda, como fontes primárias de investigação, outros documentos materiais não escritos tais como a iconografia. Saliente-se, no entanto, que apesar destas fontes constituírem uma excelente base de investigação, a sua validade só foi possível porque foram utilizadas conjuntamente e dialecticamente com diferentes documentos escritos, os quais permitiram compreender os fenómenos que deram origem à cidade.

Complementarmente, realizou-se um trabalho de campo onde foram identificadas as permanências do traçado da malha urbana e dos diferentes espaços da cidade, com especial destaque para os espaços públicos, e, ainda, de “testemunhos” edificados referentes aos momentos mais significativos do crescimento e da transformação do Funchal. Este trabalho *in loco* permitiu, também, sentir a cidade e observar o modo como ela é usada e vivida. Desta experiência da cidade resultou um vasto trabalho fotográfico, parte do qual é aqui apresentado.

Foram ainda elaborados vários mapas caracterizadores da morfologia urbana do Funchal nos últimos quinhentos anos. Esta cartografia teve como base de trabalho o ortofotomapa de 2004 do centro do Funchal, sobre o qual foram concertadas Plantas da Cidade do Funchal de diferentes épocas recolhidas em diversos arquivos e bibliotecas de Lisboa e da Região Autónoma da Madeira.

Cada um destes mapas permitiu visualizar o espaço que a cidade ocupava em cada uma das épocas e a sua forma. Ajudaram a identificar e conhecer os diferentes elementos morfológicos da cidade, tendo revelado “cidades” que ainda hoje são perceptíveis na malha urbana do Funchal.

O Funchal, desde muito cedo, marcou a sua posição num mundo que se expandia para além do Mediterrâneo. Durante séculos, a sua posição estratégica no Atlântico transformou esta cidade no principal porto marítimo fora do espaço continental da Europa, constituindo a principal “porta de saída” para as rotas e os contactos de Portugal e da Europa com o “novo mundo”. Foi, ainda, a primeira cidade ultramarina portuguesa.

Espaço criador de riqueza, especializou-se na exportação de produtos com grande procura nos mercados europeus – o açúcar e o vinho. Ocupou, nos séculos XV e XVI, um lugar de relevo na economia atlântica como escala de navegação e de comércio. Nos séculos XVIII e XIX o seu protagonismo não foi menor, pois não só continuou a ser um importante porto de apoio aos mercadores, como também passou a “laboratório da ciência”, enquanto lugar de passagem de cientistas e destino destacado de “turismo terapêutico”. A partir da segunda metade do século XIX tornou-se num importante destino turístico para aqueles que procuravam aventura e exotismo. Mas tem sido ao longo do século XX e XXI, que o Funchal tem vindo a reunir toda uma série de requisitos para a afirmação e consolidação desta “nova” economia – a do turismo. É um facto que, nas últimas décadas, o Funchal

tem sido palco de um novo desenvolvimento urbanístico, aquele que provavelmente dará origem à “cidade do turismo”.

A cidade do Funchal, à semelhança das outras cidades insulares do século XV, foi implantada numa ampla baía com boas condições como porto natural e com boa capacidade de defesa.

O seu núcleo primitivo, o de Santa Maria do Calhau, localizava-se na zona Leste da baía. Este desenvolveu-se paralelamente à linha da costa, ao longo da uma rua que recebeu o nome de Santa Maria. Com o crescimento do povoado surgiu uma nova rua a Norte da primeira, igualmente paralela ao mar. Estas duas ruas acabaram por constituir os eixos fundamentais deste pequeno núcleo urbano, de onde saía perpendicularmente uma série de pequenas ruas, travessas e becos.

O *lugar* do Funchal depressa cresceu sendo elevado à categoria de vila e de sede de concelho por volta de 1450.

Com o início da exportação de açúcar chegaram novos povoadores e a vila começou a expandir-se para Oeste, em direcção à Ribeira de João Gomes.

A partir de 1466 começam a distinguir-se duas áreas urbanas na vila do Funchal – a nascente o povoado primitivo e a poente, entre as três ribeiras, as fundações da futura “cidade do açúcar”. Esta nova área de expansão, que ocorreu sobretudo entre a Ribeira de João Gomes e a Rua do Sabão, prolongava-se para Norte ao longo da margem direita da Ribeira de Santa Luzia.

Nesse momento já a Rua de Santa Maria tinha sido prolongada, a partir da Ribeira de João Gomes, pela Rua dos Mercadores até praticamente Santa Catarina, no lado ocidental da baía, acompanhando o traçado da praia.

Em finais de quatrocentos a vila estava positivamente instalada entre as ribeiras de João Gomes, Santa Luzia e São João. Com um número cada vez maior de ruas construídas a Norte da Rua dos Mercadores, perpendiculares a esta e em direcção à zona fabril, começava a definir-se o centro da vila junto ao Campo do Duque. Em 1486, o Duque D. Manuel mandou construir neste campo a Igreja do Funchal, uma praça, a Câmara e o Paço de Tabaliães, o que acabou por estabelecer definitivamente o centro da futura cidade. É à volta deste que ainda hoje gravita toda a vida económica e social da cidade do Funchal.

A 21 de Agosto de 1508 a vila do Funchal era elevada à categoria de cidade. No apogeu da era do açúcar a cidade encheu-se de moradias e edifícios faustosos e de templos com traços arquitectónicos de estilo mudéjar insular.

A partir de meados do século XVI teve início um novo ciclo económico, o do vinho, que trouxe uma nova dinâmica à cidade. Nos finais de quinhentos, o Funchal era uma cidade que não só se tinha expandido para além da Rua do Sabão ao longo da costa, mas também para Norte acompanhando o traçado das ruas perpendiculares à linha da costa. Este novo sector da malha urbana, com uma estrutura ortogonal regular, corresponde à “cidade manuelina”, ficando no seu centro a Sé Catedral e a praça.

Na cidade quinhentista edifícios institucionais, igrejas, residências e unidades fabris coexistiam no mesmo espaço. Hoje ainda é possível testemunhar a imponência dos edifícios da época sobretudo através da magnificência da Sé Catedral. Os seus espaços públicos resumiam-se à Praça da Sé, à Praça do Pelourinho, ao Largo do Poço e a alguns adros de igrejas que eram utilizados para convívio social, actos religiosos e ainda para a realização de tarefas colectivas.

Dessa cidade permanece ainda hoje o formato de alguns quarteirões no actual centro, o traçado e o nome de ruas e alguns testemunhos da cidade fortificada. De facto, esta foi uma cidade com fortes, fortalezas e muralhas. Contudo só em 1542 ficaram concluídos o primeiro baluarte e os muros de defesa da frente mar, sendo certo que em 1553 a fortaleza da cidade ainda se encontrava em construção. Após um violento ataque por parte de corsários franceses em 1566, é dado início a uma nova fase da fortificação da cidade. Na realidade, só após o Regimento da Fortificação de D. Sebastião, de 1572, é que são empreendidas uma série de obras que deram origem a um sistema defensivo efectivo.

Ao longo dos séculos XVII e XVIII o crescimento da cidade sofreu um abrandamento. Como podemos observar na planta síntese (Mapa nº 17) a cidade oitocentista (a cor-de-laranja) parece ter ficado “cristalizada” no espaço ocupado pela “cidade do açúcar” (a amarelo). O crescimento ocorreu sobretudo para Norte, ao longo da Ribeira de Santa Luzia, e para Poente. Na realidade, esta cidade foi melhorada nestes dois séculos tendo-se adensando e consolidado. Os quarteirões preencheram-se e os edifícios cresceram em altura, no entanto o traçado da malha quinhentista manteve-se. Curiosamente os eixos estruturantes da cidade mantiveram-se desde os finais de quatrocentos.

O século XVII caracterizou-se principalmente pela continuação do processo de fortificação da cidade, tendo sido construídos nessa época a Fortaleza do Pico, a Fortaleza de São Tiago, o Reduto da Alfândega e o Forte do Ilhéu ou de Nossa Senhora da Conceição. A cortina marítima da cidade, entre o Forte de São Filipe e a Fortaleza de São Tiago, foi também concluída. No século seguinte as obras de fortificação continuaram, desta feita com a edificação de vários fortes – o Novo, o da Penha de França e o de São José –, com a ampliação do Forte de São Tiago e, sobretudo, com obras de recuperação em diferentes fortificações.

Mas nesta “cidade do vinho” surgiram ainda outras edificações, de onde se destacam as grandes residências dos senhores e dos comerciantes do vinho, e alguns dos edifícios mais imponentes desta cidade – os edifícios do antigo Paço Episcopal, do Colégio e da Igreja dos Jesuítas. São também desta altura as torres “avista-navios”, uma forma muito subtil de manter um contínuo olhar sobre a baía do Funchal.

A cidade oitocentista surge no Mapa nº 17 (a encarnado) mais espalhada. Alargou definitivamente o seu limite, ultrapassando os primeiros obstáculos que o relevo lhe impunha, sobretudo para Oeste e para Norte. A abertura de ruas de ligação ao resto da Ilha parece ter sido determinante para a expansão da urbanização.

Neste século, à semelhança dos anteriores, continuou a haver uma densificação do centro da cidade, surgindo um novo fenómeno que foi o da proliferação de pequenas habitações nas áreas envolventes mais elevadas da cidade. Apesar disso, a cidade manteve os seus eixos estruturantes iniciais, continuando a crescer para Oeste, paralelamente à linha da costa, e para Norte ao longo de ruas mais ou menos paralelas ao traçado das ribeiras.

Ironicamente todo o grande investimento feito no sistema de fortificação da cidade nos séculos precedentes, foi nesta época posto em causa com o abandono de alguns fortes e a demolição de grande parte das muralhas e das portas da cidade.

Houve, sem dúvida, uma aposta nos espaços públicos da cidade. Surgiram novas áreas verdes, o Jardim Municipal e um pequeno jardim a Oeste da Praça da Constituição, e a Praça da Rainha foi prolongada.

Em consequência de um novo ciclo económico – o do turismo terapêutico – a cidade ganhou “feições cosmopolitas”, onde os “doentes” estrangeiros passeavam pelas suas ruas e praças.

No último quartel deste século a cidade não só foi dotada de um Porto de Abrigo como também recebeu um sistema de iluminação eléctrica, o que veio alterar para sempre o ambiente urbano do Funchal.

Com o século XX chegou o automóvel. A cidade do Funchal nunca mais seria a mesma. Este meio de transporte, aliado ao esforço para melhorar a rede viária da cidade, fez aumentar a mobilidade das pessoas e consequentemente o alargamento dos limites urbanos.

O Funchal cresceu e expandiu-se através de um processo de dispersão de pequenas moradias que, com o decorrer do século, acabaram por se espalhar desordenadamente por todo o seu anfiteatro.

Embora a cidade tenha crescido em diversas direcções, como se pode ver pela mancha roxa do Mapa nº 17, continuou a acontecer uma densificação e compactação do seu centro, com a colmatagem dos espaços vazios e o preenchimento cerrado das frentes dos arruamentos com novas edificações.

A cidade novecentista foi palco de várias intervenções urbanísticas: ampliação do porto do Funchal; abertura de novas avenidas; criação de novos parques e jardins; construção de complexos multifuncionais; apetrechamento do espaço urbano com infra-estruturas e equipamentos, de acordo com as necessidades do momento e futuras. A estas intervenções urbanísticas ficaram associados nomes como Ventura Terra, Fernão de Ornelas, Rafael Botelho, Óscar Niemeyer e outros que, devido à actualidade dos acontecimentos, estão presentes na memória de todos.

O grosso das acções urbanísticas que marcaram a cidade novecentista decorreu de projectos, de planos e de pessoas que num esforço conjunto conseguiram, passo a passo, dar uma nova imagem à cidade sem que no entanto esta tenha perdido a sua identidade.

No centro da cidade do Funchal continua a acontecer um processo de consolidação lento, mas contínuo, embora a grande parte da sua malha urbana tenha sido definida há muito.

Os limites da cidade contemporânea ultrapassaram definitivamente a nossa área de estudo, que hoje abrange apenas a baixa da cidade. Uma observação atenta de toda a cidade mostra-nos que esta continua a estender-se para Oeste, ao longo da costa, e para Norte, numa nítida sequência e prolongamento dos principais eixos estruturantes da “cidade do açúcar”.

No centro da actual cidade continuam gravados na malha urbana os vestígios das “cidades” que a precederam no tempo, persistindo edifícios, fortificações, ruas e praças, memórias que nos foram legadas e que transmitem parte da identidade desta cidade. Algumas destas permanências constituem ainda importantes pontos de referência na cidade, guiando locais e estrangeiros através de percursos cheios de memórias.

No entanto, a cidade continua a modificar-se aumentando o legado das gerações futuras.

Hoje, ao percorrermos o centro do Funchal, é visível uma maior abertura da cidade ao espaço exterior. Há uma preocupação crescente com o bem-estar de todos aqueles que a utilizam e os espaços públicos são alvo de uma atenção redobrada.

A oferta de espaços multifuncionais tem vindo a aumentar, assim como o número e a diversidade dos acontecimentos sociais. Contudo, a utilização da cidade continua, principalmente ao fim do dia, a ser pontual e intermitente.

A procura de uma nova imagem para o centro do Funchal tem conduzido à sua modernização. Hoje a cidade tornou-se mais competitiva e apta para receber uma maior diversidade de utilizadores.

A identidade da cidade parece-nos protegida de momento, havendo uma preocupação crescente com a preservação das “existências” e a reabilitação, conservação e divulgação do património arquitectónico e cultural. Imóveis de interesse público, espalhados um pouco por toda a cidade, têm sido ocupados por instituições públicas e privadas ou transformadas em museus e espaços lúdicos. Alguns foram também aproveitados para fins turísticos.

Mas a identidade da cidade do Funchal está ainda associada ao mar e às suas ribeiras. O certo é que a cidade, o mar e as ribeiras há muito que se tornaram indissociáveis, continuando hoje a não ser possível pensar no Funchal sem lhe associar estes dois elementos.

Na verdade, constatamos que a água e o verde desta cidade, associado ao espaço de memórias e de referências da malha urbana, conferem ao Funchal uma imagem genuína e única.

Mas o futuro não perdoa e traz importantes desafios à cidade quer ao nível da competitividade de outras cidades quer em termos do bem-estar dos seus utilizadores e da qualidade do seu espaço.

É fundamental que o Funchal seja uma cidade mais flexível, atractiva e vivida. Para isso será necessário valorizar e reforçar a identidade da cidade e continuar a qualificar a sua imagem. É ainda necessário dar atenção à diversidade e polivalência dos espaços, à continuidade dos percursos e à qualidade do ambiente.

Neste sentido propomos: uma restituição de toda a frente mar e da foz das ribeiras à cidade e a todos aqueles que a utilizam, através da criação de um espaço público multifuncional que valorize e revitalize toda a frente da baía do Funchal; a diversificação das funções dos diferentes espaços da cidade, sobretudo dos espaços públicos, com o intuito de criar “percursos de continuidade” na cidade; uma redução do tráfego automóvel não só através do incentivo à

utilização dos transportes públicos, mas também pela diversificação dos mesmos; a criação de “linhas” centrais de passagem para automóveis particulares afim de facilitar o acesso ao centro da cidade.

O presente estudo sobre a *Morfologia Urbana da cidade do Funchal e os seus espaços públicos estruturantes* é um trabalho de síntese sobre a morfologia urbana da cidade do Funchal que abrange um período de quinhentos anos.

Conscientes da dimensão do período em análise e do tema a que nos propusemos investigar reconhecemos que o mesmo apresenta lacunas.

Salientamos desde já dois assuntos que merecem um estudo mais aprofundado: a parte teórica do tema aqui tratado e, ainda, a análise dos diversos espaços públicos da cidade em cada um dos séculos estudados. Isoladamente, dariam excelentes temas de pesquisa.

A continuidade dos percursos na cidade do Funchal é um outro assunto igualmente interessante e extremamente útil para esta cidade, que gostaríamos de ter aprofundado. Para a sua concretização seria necessário diagnosticar as debilidades dos diversos espaços da cidade, compreender a sua interligação e interacção e conhecer o modo como os diferentes grupos de pessoas apreendem, sentem e utilizam esses mesmos espaços. Este assunto ultrapassa o objecto do presente trabalho. Certamente, num futuro próximo investigá-lo-emos.

No decurso da preparação e realização deste trabalho deparamo-nos com algumas dificuldades sobretudo ao nível da elaboração dos mapas que aqui são apresentados. Concertar Plantas da Cidade do Funchal elaboradas nos séculos XVI, XVIII e XIX sobre o ortofotomapa da Cidade do Funchal de 2004 não foi propriamente uma tarefa fácil. Foram muitas semanas de pequenos

avanços e recuos, que acabaram por se traduzir num trabalho entusiasmante e que a cada dia revelava um novo pormenor.

Acreditamos que esta nossa síntese da morfologia urbana do Funchal pode contribuir de alguma forma para um maior e melhor conhecimento desta cidade que, em 2008, festeja os seus quinhentos anos.

Para concluir queremos salientar o gosto sentido na realização deste trabalho, o qual deixou em nós uma vontade sincera de conhecer ainda mais esta bela cidade e de constituir matéria de estudo os temas que, por saírem do âmbito e do propósito deste trabalho, não foram aqui objecto de análise.